

LEONOR ROCHA

5

M E T O D O L O G I A

O trabalho que agora se apresenta é o resultado das investigações arqueológicas, no concelho de Mora, realizadas ao longo dos últimos 15 anos.

Até 2005, os resultados desses trabalhos contribuíram para a elaboração de quatro teses académicas (Calado, 1995; 2004; Rocha, 1996, 2005), para além de outras publicações avulsas, de menor porte (Calado e Rocha, 1996; Calado et al, 2007; Rocha, 1997, 1999a, 1999b, 1999c, 2000a, 2000b, 2001, 2003a, 2003b, 2005; Rocha et al, 2005; Rocha e Calado, 2006).

Durante este período, realizaram-se algumas escavações pontuais e outras sistemáticas - Alinhamento e Necrópole do Monte da Têra, cujos trabalhos se iniciaram em 1996 e ainda decorrem. Porém, os esforços concentraram-se, sobretudo, nas prospecções arqueológicas, mais sistemáticas entre 1994 e 1996 e, novamente, entre 2000 e 2005, e circunscritas quase exclusivamente às freguesias de Pavia e Brotas, com o objectivo prioritário de rever os dados publicados e, simultaneamente, ir colmatando as lacunas.

Recorde-se que, nestas áreas, haviam já sido realizados trabalhos de carácter mais ou menos sistemático, primeiro por Vergílio Correia (Correia, 1921) e, mais tarde, por Manuel Heleno (Rocha, 2005), focados no estudo dos monumentos megalíticos funerários.

A partir de 2006, com o início do projecto da Carta Arqueológica de Mora, as prospecções alargaram-se

finalmente às áreas que tinham, até então, sido mais descuradas, em termos de investigação, ou seja, as freguesias de Mora e de Cabeção.

As prospecções partiram, como é habitual, da análise da bibliografia disponível e da análise cartográfica (Cartas Militares 1.25 000 e Cartas Geológicas, entre outras).

Não foram usados os métodos clássicos de prospecção por amostragem, embora, de uma forma relativamente organizada, se tenha procurado prospectar um pouco de cada um dos tipos de paisagem identificados, incluindo aqueles que, à partida, nos pareceram arqueologicamente pouco rentáveis.

Privilegiou-se, dentro do possível, o treino das equipas de prospecção para a detecção dos vestígios mais discretos, como são, por exemplo, os vestígios de habitat pré ou proto-histórico, ou, de um modo geral, os achados de artefactos avulsos; de facto, uma das lacunas mais evidentes, nos trabalhos mais antigos, era, precisamente, face à grande abundância de monumentos megalíticos, a escassez dos povoados que presumivelmente lhes deveriam corresponder.

Paralelamente, a recolha de informação oral e a análise paisagística directa, foram outros dos métodos de trabalho utilizados.

Procedeu-se à recolha não exaustiva de materiais de superfície, tendo em vista a caracterização cronológica

e cultural dos sítios; esses materiais foram, subsequentemente, lavados, marcados e acondicionados sendo que uma parte deles foi também desenhada e fotografada.

Tanto as prospecções como as escavações, assim como os trabalhos de laboratório correspondentes, foram realizados com a colaboração de alunos de arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade de Évora.

Os sítios identificados foram registados numa base de dados (Access), bem como todos os materiais recolhidos. Para publicação, estes dados foram resumidos numa ficha sintética, em que foram apenas considerados alguns dos campos, apresentados seguindo uma sequência uniforme: **Designação, Tipo, Cronologia, Coordenadas, Rigor, Descrição, Observações e Bibliografia.**

A **Designação** foi, normalmente, atribuída a partir do topónimo cartográfico mais próximo, na respectiva folha da CMP, excepto os casos já consignados na bibliografia, cujas designações se mantiveram; sempre que o mesmo sítio aparece referido, em publicações anteriores, com diferentes designações, tal facto foi anotado.

Quanto ao **Tipo**, foram classificados como **achado avulso**, os artefactos isolados; como **achados avulsos**, os conjuntos de artefactos, cujas características não permitem uma atribuição funcional mais precisa; como **povoado**, os sítios pré e proto-históricos que, tendo em conta a implantação, assim como a quantidade e qualidade dos materiais arqueológicos, podem corresponder a restos de povoamento mais ou menos permanente; como **pedra com covinhas**, os afloramentos (ou blocos de pedra solta) onde foi identificado apenas esse tipo de gravuras; como **rocha com gravuras**, os afloramentos com motivos artísticos/simbólicos gravados; como **abrigo**, as concavidades em afloramentos ou os espaços cobertos, delimitados por caos de blocos, onde se observou, ou se presume, a existência de vestígios de ocupação; como **mamo**, os micro-relevos artificiais, presumivelmente funerários, mas sem estruturas pétreas visíveis (ou pouco visíveis); como **sepultura protomegalítica**, os monumentos megalíticos funerários, de pequena dimensão, geralmente sem corredor, de planta em ferradura, rectangular ou trapezoidal; como **anta**, os monumentos megalíticos funerários, de maiores dimensões, geralmente com corredor; como **menir**, os monólitos isolados que, de algum modo, apresentam indícios de ter sido erigidos em épocas pré ou proto-

históricas; como **recinto megalítico**, os conjuntos de menires organizados em forma de ferradura; como **alinhamento**, os conjuntos de menires organizados em linha recta; como **estrutura**, os restos de construções em pedra, de difícil interpretação funcional; como **villa**, os sítios romanos que, pela quantidade e tipo de vestígios arqueológicos, indiciam a existência de uma casa senhorial romana; como **habitat**, os sítios em que se identificaram restos de materiais, de época romana ou posterior, incluindo materiais de construção; como **represa/açude**, as estruturas de contenção, transversais aos cursos de água; como **edifício**, os restos de construções, mais ou arruinadas, de épocas históricas; como **moinho**, os restos de estruturas relacionadas com a moagem; como **pedreira**, as evidências de cicatrizes de antigas explorações de pedra e, como **necrópole**, os sítios em que foram detectados restos de antigos cemitérios.

Em relação à **Cronologia**, as propostas apresentadas basearam-se, quase exclusivamente, nas tipologias dos materiais arqueológicos e das estruturas observáveis.

Foram utilizadas, em termos gerais, as categorias cronoculturais de uso corrente, na arqueologia portuguesa, as quais vão desde o **Paleolítico** até à **Época Contemporânea**. Dentro deste esquema, foram atribuídas categorias cronológicas mais ou menos genéricas, de acordo com os dados disponíveis.

Foram, por exemplo, classificados como Neolítico/Calcolítico, artefactos líticos, cujas cronologias podem, a priori, recuar para épocas anteriores. Porém, a ausência de vestígios inequívocos, atribuíveis a essas épocas, recomendou-nos alguma contenção.

Uma chamada de atenção importante, sobre as classificações tipológicas e cronológicas: tratando-se, na maioria dos casos, de dados de superfície, muito fragmentários, convém ler com uma certa flexibilidade as propostas avançadas que, em muitos casos, poderão vir a ser acrescentadas, afinadas ou mesmo alteradas, com novos trabalhos.

No que diz respeito às **Coordenadas**, foram utilizadas as coordenadas rectangulares militares, Datum de Lisboa, por razões que se prendem com o uso da cartografia digital.

No campo do **Rigor**, em que se pretendeu fornecer indicações sobre a precisão das coordenadas

apresentadas, foram usadas três categorias, correspondentes, por ordem decrescente, a diversos graus de precisão: obtidas, no terreno, por **GPS**; obtidas, no terreno, através da **cartografia**, ou cartografadas com base na **bibliografia**.

A **Descrição** inclui os dados mais significativos relativos às **estruturas** e aos **artefactos**. Em alguns casos, a descrição é completada com **Observações**, onde se registaram aspectos não incluídos nos restantes campos.

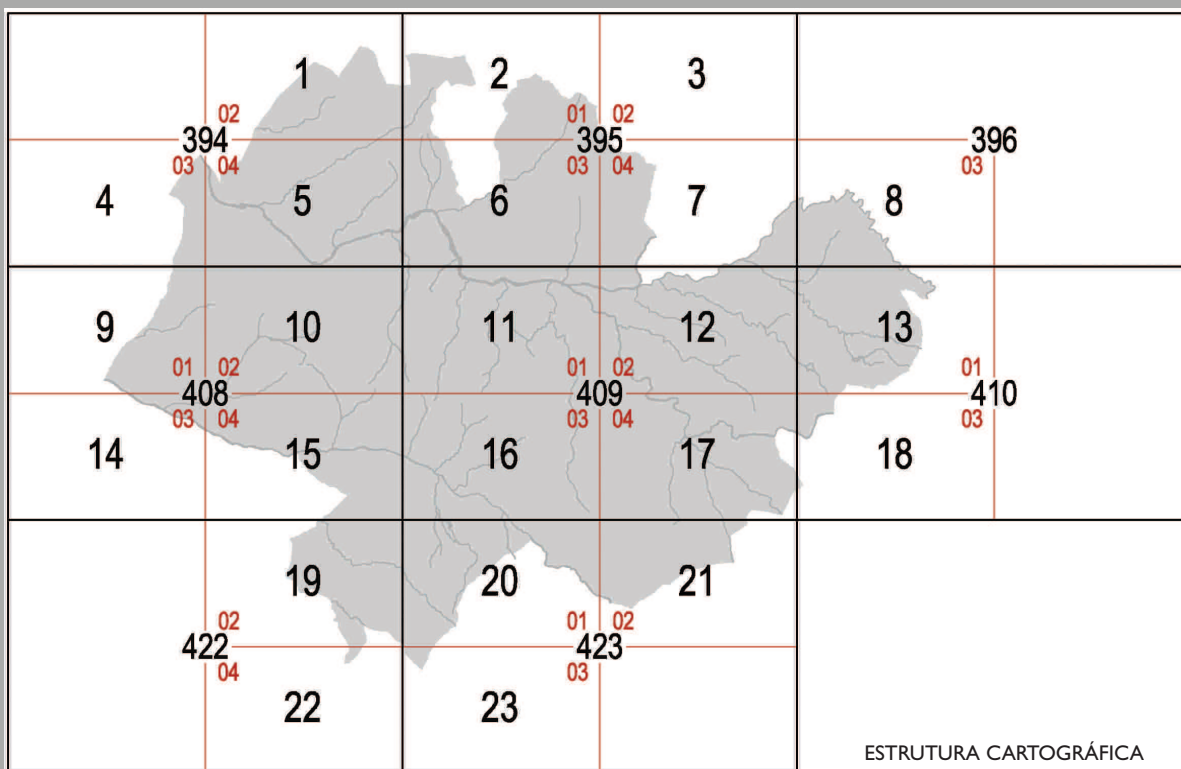
No campo da **Bibliografia**, foram indicadas, de forma sintética, as principais obras em que os diversos sítios arqueológicos foram referidos, de forma pertinente.

A cartografia foi organizada de acordo com a estrutura da Carta Militar de Portugal (série M888 do Instituto Geográfico do Exército), utilizando os ortofotomapas do Instituto Geográfico Português (voo de 2005) para os mapas do catálogo e a cartografia digital 1/10000, da

mesma instituição, como base digital para a elaboração dos mapas hipsométricos.

Cada ortofotomapa corresponde a um quarto de uma folha da Carta Militar, sendo designados, como **sectores**, aqueles que incluem território do concelho; para facilitar a referência, e a organização dos dados, a numeração dos sectores foi feita da esquerda para a direita e de cima para baixo.

No catálogo, em cada um dos sectores, foi atribuída uma numeração de ordem (começando sempre em 1) ao conjunto de sítios incluídos, que remete para a respectiva listagem. A numeração dos sítios segue a lógica da numeração dos sectores (da esquerda para a direita, de cima para baixo) de acordo com as coordenadas cartográficas M e P.





Capela e povoado do Monte da Gonçala